Título: **O meu nome é Luca**

Autor: João Alexandre Pereira Henriques

A primeira vez em que a vi ela estava a chegar a casa. Era de noite, uma noite de Inverno suportavelmente fria, e ela avançava pelas ruas desertas da cidade numa cadência hesitante, o cansaço discreto dos seus gestos denunciando um dia de trabalho exaustivo. Tinha-se mudado recentemente para o meu prédio, para o apartamento exactamente por cima do meu estúdio, e eu ouvira-a já algumas vezes, a discutir, a fazer amor, embora a não tivesse visto até àquele instante. E era pequena, ela. Ela era uma figura inesperadamente delicada e estranhamente constrita, com um aspecto muito mais frágil do que a imagem que eu me permitira conjecturar com base na intensidade da sua voz – com base nos vigorosos restos de som que, ignorando ostensivamente a camada de betão que nos separava, viajavam de forma incólume da sua casa até à minha.
A fachada do prédio era revestida de tijolos de diferentes tons, e cada andar encontrava-se ligado ao anterior e ao seguinte por intermédio de uma escada de incêndio metálica, de ar decrépito. A entrada no prédio era antecedida por um pequeno lanço de escadas e, por cima da porta, destacando-se ligeiramente da fachada, via-se um candeeiro de vidro fosco. A luz do candeeiro, alaranjada, refulgente, acendeu-se à medida que ela se aproximava, e eu fiquei, de longe, a observá-la. E eu fiquei, de longe, a vê-la subir pesadamente cada degrau; a vê-la deter-se junto à porta, fumando um cigarro, sem pressa de entrar.
Por norma, era a intenção de evitar as conversas que deflagravam, de forma espontânea, na entrada do prédio, o que me impelia a manter-me à distância de algum vizinho que estivesse a chegar a casa ao mesmo tempo do que eu. Desta feita, porém, não era o intuito de escapar ao desconforto de uma conversa banal, mas uma curiosidade irreprimível, o que me incitava a não me aproximar. A curiosidade de emprestar um rosto a uma voz, de confrontar uma imagem imaginada com a imagem real. E eu fiquei, de longe, a observá-la, os seus gestos enquadrados por aquele cone de luz que se animava perante a aproximação das pessoas, a vê-la baixar-se e raspar a ponta do cigarro no chão e guardar a beata no bolso, como se não soubesse o que lhe fazer, a luz quente contagiava as texturas da noite, as suas sombras, os seus reflexos.
*
Acordei em sobressalto com a sirene de uma ambulância que passava naquele instante – a estrada ficava a escassos metros da minha janela – e abri os olhos a tempo de ver os feixes de luz que se projectavam na parede e pintavam de vermelho e de azul e de vermelho a estante em que repousava um par de livros, e o cavalete desdobrável em que se encontrava há meses o mesmo quadro inacabado. A estrada desembocava num hospital, e as ambulâncias passavam incessantemente ao longo do dia, ao longo dos dias. Ao fim de uma semana a viver no estúdio, o som das sirenes tinha deixado de me parecer o sintoma de uma emergência, e passara a ser apenas uma parte deplorável do cenário.
No ocaso daquele estrépito ensurdecedor, porém, eu comecei a reconhecer outro som. O som de uma troca acerba de palavras entre duas vozes alteradas, provindas de um apartamento contíguo. Provindas do andar de cima. Não tinha sido o ruído aparatoso da sirene a acordar-me, mas os fragmentos abafados de uma discussão.
"Pára, Rúben, pára", gritou ela, um grito lancinante, que abria uma fenda na madrugada. A sua voz era adornada pelo som de objectos que caíam, pelos sons de um desacordo flagrante entre dois corpos (e os passos que fixavam aquela desarmonia no espaço, pensei, eram como uma negação dos gestos coreografados de uma dança).

Eu sustivera a respiração e procurava dar uma ordem tangível aos estilhaços e reconstituir o todo da discussão a partir da soma das suas partes.
"Não me toques, caralho", tornou ela, e a sua perturbação ia-se propagando do epicentro para a periferia em devastad

oras vagas concêntricas, entranhando-se nos corpos entreabertos, desprevenidos, à sua passagem.
Era como se certas palavras conservassem intacta as emoções de base. Era como se certas palavras fossem resistentes invólucros nos quais as emoções eram insufladas; invólucros que asseguravam o transporte impermeável das emoções ao longo dos canais imateriais pelos quais estas se deslocavam. Um andar abaixo, demasiado próximo do foco para as refractar, o meu corpo era atravessado pelas vibrações que se escapavam da discussão, e eu sentia que por intermédio de um processo de sublimação, a ansiedade começava a firmar-se em mim como uma coisa palpável. Como uma entidade.
No que respeitava às emoções, os nossos corpos eram recipientes porosos e vulneráveis, que absorviam inadvertidamente todas as emanações circundantes, tornando-nos incapazes de as controlar ou de actuar sobre elas. No que dizia respeito às emoções, os nossos corpos eram superfícies pérvias, que a atmosfera atravessava sem resistência — e nas quais, a partir de uma certa densidade, a atmosfera acabava inclusivamente por se concretizar.
Levantei-me da cama — empenhando-me, por qualquer razão, em fazê-lo silenciosamente — e avancei lentamente até à janela. O ar da noite estava frio e penetrante. Passei um pé por sobre o baixo parapeito da janela, e depois o outro, e alcancei a grelha de aspecto quebradiço que intermediava, em todos os andares, os lanços da escada de incêndio. Sentei-me no primeiro degrau. Lá fora, as ruas tonitruantes da cidade eram como um mosaico de sons, de histórias e de luzes, que por vezes se interceptavam; lá fora, as ruas da cidade borbulhavam à superfície de uma efeverscência nocturna, e pareciam celebrar as insónias daquele lugar no fim do mundo, aquele lugar que a vida sacudia, e ao qual o sono nunca chegava.
O ar fresco começava lentamente a debelar a pressão que se abatera sobre o meu peito, e eu sentia que as vias respiratórias começavam por fim a desobstruir-se, e que o meu fôlego retomava paulatinamente a sua cadência regular. Não teria sido apenas o carácter poroso dos corpos face às emoções adjacentes a despertar em mim aquela ansiedade de forma tão intensa. Na verdade, os ecos da discussão tinham feito reverberar certas cordas em mim, cordas antigas e distantes que, de forma algo ingénua, eu esperava ter esquecido para sempre.
Nos segundos em que as vozes deles, sob a influência de um ódio confuso, irromperam pelo estúdio e me trespassaram, eu tornei a ver o meu pai o meu o meu pai, eu tornei a escutar a voz colérica do meu pai, proibindo-me de sair do quarto independentemente do que ouvisse lá fora. E depois começavam os gritos, os gritos que se gravariam nas fundações do meu corpo; e depois começavam os sons ininteligíveis que se escapavam da violência e que a assinalavam e que, como agora, me constrangiam a representar mentalmente uma cena que se desenvolvia para além do alcance do meu olhar.
E de seguida, volvidos apenas alguns minutos — e de forma tão abrupta quanto se havia desencadeado —, a discussão começava a dissipar-se, como se a sombra que lhes obscurecera momentaneamente a razão desaparecesse subitamente. E de seguida a porta do meu quarto destrancava-se misteriosamente e abria-se em par e, sem qualquer obstáculo a obstruir, agora, a sua propagação, eu podia ouvir o choro desesperado da minha mãe, o choro desesperante da minha mãe — e, no andar de cima, ela chorava agora de forma convulsiva —, e era como se tudo

não tivesse passado de um escape. E era como se tudo não tivesse passado de uma descarga de energia negativa que, na vida agitada de um casal, se tornava pontualmente inevitável.
Uma ambulância passou na estrada, em baixo, e projectou luzes azuis e vermelhas e azuis no meu corpo enregelado e apenas parcialmente coberto, e eu fiquei a ouvir o som crepitante da sereia ecoar ao longo da avenida, da longa avenida, até que por fim começou a desaparecer, até que por fim não era mais do que um eco desse som. E foi então que eu senti uma presença em redor. E foi então que a senti. Sem que eu o tivesse notado, ela saíra para a escada de incêndio e, ignorando de forma negligente o estado em que a estrutura se encontrava, encostara-se ao gradeamento metálico, a fumar um cigarro. Vestia uma camisa de dormir clara e muito curta, e ia soprando baforadas pensativas de fumo para a rua, indiferente à temperatura da noite.
Embora eu me encontrasse a não mais do que dois metros de distância, ela parecia não ter reparado em mim e, mantendo sigilosamente o silêncio, eu ia-me demorando a observá-la, o seu corpo recortando-se contra o céu invulgarmente escarlate daquela noite; a ver, por entre os pequenos intervalos da grelha, as suas pernas nuas, as suas coxas fortes, as suas nádegas firmes. A insinuação do seu sexo por baixo das cuecas. Como se a discussão tivesse perturbado a regulação das minhas emoções – ou como se o facto de a observar sem que ela pudesse ver-me me conferisse uma sensação de impunidade – eu sentia que a ansiedade de há instantes ia dando lugar a uma estranha excitação.
*
Um feixe de luz estreito esgueirou-se por uma fresta da pequena janela da casa de banho no momento em que eu me aproximei para fechá-la, e fez resplandecer, pela última vez naquele dia, a brancura impoluta dos azulejos que decoravam as paredes. Acima do lavatório ficava um espelho grande e circular e, do outro lado, firmemente incrustado na parede oposta, estava um armário bege de portas espelhadas. Sempre que eu passava no meio e interceptava a estranha cumplicidade daquelas duas superfícies, via o meu rosto multiplicar-se em centenas ou milhares de ominosos simulacros, que se tornavam mais obscuros à medida que a luz que os animava começava a enfraquecer.
O cesto da roupa estava pousado no vestíbulo exíguo, em frente da porta, e foi só depois de lhe pegar, de sair e de começar a descer as escadas que me apercebi de que, atrás de mim, a música continuava a tocar. What the future has in store, cantava a Nina Simone, com aquela voz que parecia tornar sensíveis os fantasmas que, de certa forma, todos nos esforçávamos por reprimir, no one ever knows before. Tornei a subir as escadas, pousei o cesto junto à porta, e entrei novamente para desligar a aparelhagem e o gira-discos, com uma sensação de culpa por interromper uma canção a meio; com uma sensação de culpa por interromper aquela canção a meio. E quando tornei a passar a ombreira da porta – seria antes um portal para outra dimensão? – ela estava estacada no patamar brumoso do meu piso.
— Desculpa — apressou-se a dizer, denotando alguma surpresa por me ver aparecer. — Não te queria assustar, mas a porta estava aberta... — prosseguiu.
Não havia na voz dela nenhum resquício do tom amargo, agressivo, que eu recordava da noite da discussão, e as suas palavras pareciam agora revestidas de uma camada doce, suave.
— Não tem importância — disse. — Tinha-me esquecido da música a tocar e voltei atrás para desligar.
E depois, como se pretendesse desanuviar a atmosfera daquele encontro fortuito e me apercebesse, apenas demasiado tarde, de todas as implicações do que estava prestes a dizer, acrescentei:
— Para não incomodar os vizinhos.

O olhar dela deteve-se num ponto indeterminado, junto aos pés. Era como se eu tivesse acabado de quebrar um pacto implícito entre nós e ela estivesse, naquele instante, a passar em revista todos os detalhes da sua vida íntima que, por força da nossa proximidade, por força da nossa contiguidade, eu poderia conhecer. Nos seus lábios desenhou-se, por fim, um sorriso esquivo, um sorriso que se destinava a reconhecer a ineficácia do véu fino que assegurava, em teoria, a nossa intimidade.
— Com que então és tu a Nina? — perguntou ela, como se aquiescesse a imergir comigo naquele lençol de não-ditos que eu convocara involuntariamente. Nos seus lábios o mesmo sorriso enigmático; o mesmo sorriso que, como eu haveria de descobrir mais tarde, tinha a particularidade de cobrir e descobrir simultaneamente os seus pensamentos.
Nas últimas semanas, as linhas daquela canção — "Tomorrow is my turn" — tinham girado insistentemente debaixo da agulha do meu gira-discos, e de todas as vezes em que a ouvira eu ficara com a sensação de ainda estar a descobrir alguma coisa (e a descoberta de novidade em território conhecido era um poderoso catalisador emocional). A canção arrancava de uma forma algo indistinta, com o crescendo clássico da orquestra que a acompanhava, mas com a entrada das primeiras notas de piano, dos primeiros acordes de contrabaixo e, por último, da voz, ia-se tornando mais sombria (mais sombria), e parecia embalar-me lentamente na direcção de um abismo em que, dentro de mim, as emoções se disputavam, se debatiam.
— E o Jorge? — continuou ela. — E o Tom, e o David, e o Jim?
— Sim — anuí, procurando esboçar também um sorriso —, sim, sim, sim. Com que então era eu.
Nesse momento, escapando à obscuridade que se formara no patamar, ela aproximou-se de mim e estendeu-me a mão.
— O meu nome é Luca.
A porta atrás de mim continuava aberta, e a luz que se escapava do interior permitiu-me observá-la, por fim, com atenção. E ela era ainda mais bonita do que me parecera inicialmente. Uma beleza fugidia, que se concentrava nos seus olhos escuros e intensos, nos seus olhos que agora me remiravam com uma curiosidade desconfiada. A camisa de mangas arregaçadas, aberta na zona do peito, deixava entrever duas tatuagens discretas: uma no antebraço, outra perto dos seios.
A ousadia que as pessoas demonstravam ao gravar no corpo, de forma indelével, as suas convicções momentâneas, era um fenómeno que (não obstante a sua vulgarização) continuava a surpreender-me. Era como se as tatuagens fossem a expressão de uma vocação de certas pessoas para as certezas; era como se as tatuagens fossem o sintoma visível de uma mutação que se operava no nosso cérebro – o sintoma da contracção da área em que, no nosso cérebro, se formavam as dúvidas.
E talvez a razão pela qual eu continuava a viver naquele estúdio exíguo com vista para as ambulâncias fosse a ausência desse arrojo em mim. E talvez a razão pela qual eu abandonara a universidade e fosse acumulando trabalhos temporários de forma cada vez mais definitiva, a razão pela qual eu passava o tempo a ler, a pintar e a ouvir música, fosse a minha incapacidade de acreditar em alguma coisa, em qualquer coisa, de modo incondicional. A minha incapacidade de acreditar em algo com a força irreversível de uma tatuagem.
Porém, contrariamente ao que eu me acostumara a ver gravado nos corpos das pessoas que tinham tatuagens, as tatuagens dela não eram desenhos nem símbolos, mas antes números e letras. Ao contrário da maior parte das tatuagens que eu via, as suas pareciam não ter nascido de um capricho estético — que, na maioria dos casos, encontrava depois alguma ideologia que o justificasse —, mas de uma série de memórias que, em gestos impetuosos, ela decidira fixar no corpo. "E se algum dia te arrependeres?", perguntar-lhe-ia eu, em certa ocasião. "Um dia terás de

te arrepender de alguma coisa", responder-me-ia ela.
Quando larguei a sua mão, apercebi-me de que na parte interna do seu pulso havia uma cicatriz saliente. Ela devia ter-se apercebido de que o meu olhar se detivera nesse ponto.
— Foi no forno do restaurante.
— Desculpa?
— Estavas a olhar para a minha cicatriz — notou ela, e a expressão no seu rosto indicava que aquele jogo de suposições que, por culpa do estranho laço que nos unia, agora jogávamos, começava então a diverti-la. – Queimei-me no forno do restaurante, no trabalho – disse, antes de acrescentar, o mesmo sorriso nos lábios:
— Não foi uma tentativa de suicídio.
A forma como ela atacava o opróbrio que aquela fuga de privacidade poderia representar era reveladora de uma personalidade que não se deixava domar pelo receio do julgamento das outras pessoas; que não reprimia a sua vontade, o seu desejo, de forma a enquadrar-se na emasculadora rede dos costumes estabelecidos.
— Ao contrário do que possas pensar, o meu namorado...
— O Rúben — interrompi-a.
— O Rúben... — repetiu ela, sorrindo, como se me felicitasse por eu aceder também a jogar aquele jogo.
— ... não é tão mau quanto parece...
— De certeza que não — disse. — As histórias que imaginamos a partir do que ouvimos podem ser... qual é a palavra... deceptive?
— Decepcionantes? — propôs ela, e no seu tom havia algo que era da ordem do desafio, mesmo da provocação — Ou será enganadora a palavra que procuras?
— Enganadoras...
O seu olhar aferrolhara-se no meu, a mesma expressão enigmática, como se pretendesse arrombar de uma vez a barreira que ia impedindo, de forma cada vez mais débil, a nossa história de jorrar para o presente.
— E as histórias que imaginamos a partir do que vemos, também podem ser enganadoras? – perguntou, aproximando-se de mim; encostando-se a mim. – Ou decepcionantes?
Era como se ela reconhecesse vibrações no meu corpo que se desenvolviam muito abaixo do nível do consciente, vibrações que a intimavam a avançar. Poderia ela ter-me apanhado a espiá-la, naquela noite?
— Ias descer para a lavandaria? — perguntou-me, por fim, afastando-se ligeiramente de mim, e apontando o cesto de roupa que continuava no chão. Como se se tivesse decidido, de repente, a não deixar aquela tensão prolongar-se em demasia.
— Sim, ia descer quando tu apareceste — disse eu, tornando a pegar no cesto. Ia descer quando tu me apareceste, pensei.
— Foi o destino – disse ela, a rir-se. – O destino queria que eu fosse contigo à lavandaria, hoje. E nós não queremos contrariar o destino – rematou, pegando-me na mão, e puxando-me na direcção das escadas, onde nos evaporámos na escuridão.
*
Numa noite em que não conseguia dormir, saí para a escada de incêndio e sentei-me a escrever esta cena:
[O cenário é um pequeno estúdio. É de noite, e eu esto e Nina está deitada na cama. Dá voltas sobre si própria. Parece agitada. No chão, vêem-se várias peças de roupa. No lava-loiça há loiça suja por lavar. No estúdio vê-se ainda um cavalete, no qual repousa uma tela inacabada, uma

estante de livros e um gira-discos. Ouvem-se os murmúrios de uma cidade grande. Vemos luzes, como os faróis de carros, projectar-se nas paredes
Ouve-se o som de passos no exterior. O som tem uma reverberação metálica, e ecoa no interior do estúdio. O som de alguém a descer um lanço de escadas. De súbito, a silhueta de uma rapariga recorta-se na janela — o som dos passos parou —; a rapariga parece emoldurada pela janela, uma sombra contra as luzes da cidade. Com os nós dos dedos, dá três pancadas suaves no vidro. Pum pum pum]
NINA — Entra!
(LUCKY abre a janela e entra no estúdio, passando uma perna, e depois a outra, por sobre o baixo parapeito)
LUCKY — Desculpa, não conseguia dormir... O Stanley não pára de ressonar.
NINA — Não faz mal, eu também estava acordada... O Stanley não pára de ressonar.
(Riem-se)
LUCKY — Com que então ouve-se tudo aqui em baixo...
NINA (murmurando) — Com que então houve de tudo aqui em baixo...
LUCKY — Disseste alguma coisa?
NINA – ...
(LUCKY deambula lentamente pelo interior do estúdio. Pára a ler o título dos livros que estão numa estante, a ver a capa dos discos. Como se planasse. Detém-se em frente da tela que está no cavalete)
LUCKY — Devias terminar este quadro.
(Ouve-se a sirene de uma ambulância. NINA aguarda que o som comece a desaparecer, e depois responde)
NINA — Eu também achava que sim, até há poucos dias... Agora acho que está terminado. (murmurando) Ou talvez tenha estado sempre...
(A rapariga fixa novamente a tela)
LUCKY — Talvez tenhas razão... também gosto dele assim (olhando em redor) Nesse caso podias só lavar a loiça...
(Riem-se)
NINA — Ou apanhar a roupa do chão...
LUCKY — Ou apanhar a roupa do chão... (baixa-se e segura num par de cuecas)... estas são tuas ou minhas?
(ri-se)
(NINA desvia o olhar)
(pausa)
LUCKY — Queres falar sobre isso?
(NINA levanta-se da cama, vai até à boca de cena. Fala na direcção da plateia, de costas para LUCKY)
NINA — Falar sobre o quê?
LUCKY — O meu psicólogo diz que também é importante falar das coisas boas e não nos retermos só nas más...
NINA (para a da plateia) — Mesmo quando as coisas boas são um impulso irreflectido? Mesmo quando as coisas boas têm um namorado a ressonar no andar de cima?
LUCKY (magoada) – Um impulso irreflectido...
NINA (para a plateia) – Na verdade, as coisas boas são como os quadros. São os dois a consequência de um impulso... É assim que sabemos que um quadro está terminado... quando o

impulso que nos motivou a começar o quadro desaparece...
LUCKY – Queres que me vá embora?
NINA (voltando-se de súbito para LUCKY, como se fosse traída pela reacção do seu corpo e da sua voz) – NÃO!
(dá dois passos na direcção da estante de livros, procurando recompôr-se)
NINA – O que estou a dizer é que quando o Stanley parar de ressonar, vai querer saber onde estás.
(Ouve-se a sirene de uma ambulância. LUCKY aguarda que o som comece a desaparecer, e depois responde)
LUCKY – Ah, o Stanley... Não te preocupes... Ele acha que eu ando a foder com o vizinho do terceiro.
(riem-se)
NINA — E andas?
(pausa)
LUCKY — Não... o meu psicólogo diz que eu não devo foder com mais do que um vizinho de cada vez...
(NINA baixa a cabeça. Aproxima-se da cama, passando lentamente ao lado de LUCKY. Senta-se na beira)
NINA — Fala-me das tuas tatuagens.
(Ouve-se a sirene de uma ambulância. LUCKY aguarda que o som comece a desaparecer, e depois responde)
LUCKY — O que queres que te diga?
(LUCKY olha para o próprio corpo, como se estivesse a descobri-lo. Levanta a camisa, descobrindo uma tatuagem na barriga; em seguida abre um botão da camisa, depois outro, descobrindo os seios, perto dos quais se vê outra tatuagem. Levanta a saia, e perto das suas cuecas, perto da c do sexo, vê-se ainda outra tatuagem)
(NINA segue os movimentos de LUCKY, observa o seu corpo com desejo, com culpa)
LUCKY – Está tudo à mostra...
NINA (baixando a cabeça) — Não era a isso que me referia...
LUCKY (avançando na direcção da cama, devagar, tornando a apertar os botões da camisa e a baixar a saia) — Referias-te ao quê, então? (senta-se ao lado de NINA na cama. Aproxima a mão da perna de NINA e depois, como se arrependesse, recua, sem lhe tocar)
NINA — Não sei... (encolhendo-se) Porque é que fizeste as tatuagens, por exemplo?
LUCKY (rindo-se) — Digamos que foram impulsos irreflectidos...
(Ouve-se a sirene de uma ambulância. NINA aguarda que o som comece a desaparecer, e depois responde)
NINA — Estas ambulâncias dão cabo de mim...
LUCKY (levanta-se da cama de um salto e olha pela janela, como se tentasse lembrar-se de algo) — Estas ambulâncias são... não... as ambulâncias que passam... não... Esta rua é como um fumador inveterado... e as ambulâncias são os seus cigarros...
NINA (sorrindo) — Pensaste nisso agora?
LUCKY — Não, escrevi isto há alguns dias... Mas achei que ias gostar...
NINA — Tinhas razão... Estavas a falar dos teus impulsos irreflectidos...
LUCKY — What about them?
NINA — Eu não quero que isto soe a ironia ou a cinismo... mas acho extraordinário que as pessoas acreditem em alguma coisa ao ponto de a gravar no próprio corpo... que as pessoas

acreditem em alguma coisa com a força de uma tatuagem...
LUCKY – E quando dizes as pessoas, estás a pensar em alguém em particular?
NINA — Tu sabes o que eu quero dizer... Eu só acho que gravar alguma coisa no corpo deveria exigir um grau de compromisso maior, menos leviandade... Eu não consigo impedir-me de pensar, quando vejo pessoas tatuadas na rua, que elas não ponderaram o suficiente acerca daquilo que gravaram, acerca daquilo que queimaram, no próprio corpo...
LUCKY — Sabes que já se pode apagar tatuagens, não sabes?
NINA — Isso ainda me parece mais estú—
LUCKY (interrompendo-a) — Estou a brincar. Eu percebo a acusação implícita. As pessoas levam vidas irreflectidas e agem de forma inconsciente e tatuam momentos passageiros num corpo definitivo. Got it. Por outro lado, as pessoas que não conseguem impedir-se de pensar correm o risco de nunca conhecer nada verdadeiramente, por medo de—
NINA (interrompendo-a, como se temesse ouvir o que LUCKY vai dizer) — Eu só acho que é preciso saber mais acerca de um assunto para o gravar... no corpo...
LUCKY (aproxima-se da borda da cama e senta-se ao lado de NINA) — As tatuagens que as pessoas queimam no corpo são o nome de alguém, ou uma data importante...
NINA — O nome de quem?... A data do quê?...
LUCKY (aponta o antebraço) a primeira vez que fiz amor com o Stanley, e o nome dele... (abre os botões da camisa novamente, descobrindo parcialmente os seios. Aponta a tatuagem no peito) – A data da morte da minha mãe, e o nome dela...
NINA — E se um dia já não estiveres com o Stanley? Não te incomodará teres feito uma tatuagem de alguém com quem já não estás?
LUCKY — O que eu gravo no corpo são momentos. E quando olho para as tatuagens são esses momentos que eu vejo... O resto, tudo o que acontece depois, não tem importância...
NINA — E se algum dia te arrependeres?
LUCKY (aproxima-se de NINA, devagar, o seu rosto junto ao dela, os seus seios tocando nos seios de NINA) — Um dia terás de te arrepender de alguma coisa...
(NINA beija LUCKY de forma voraz, como se não conseguisse resistir; como se cedesse a um impulso irreflectido. Deitam-se na cama. As mãos de NINA percorrem o corpo de LUCKY de forma voraz; a boca de NINA percorre o corpo de LUCKY de forma voraz, até se fixar no seu sexo, por cima das cuecas).
NINA — Já tinhas feito isto... alguma vez?
LUCKY (ofegante... rindo-se) — Depende... daquilo a que estiveres a referir-te...
NINA— Fazer amor com alguém... (retira as cuecas de LUCKY, devagar, como se quisesse adiar o prazer)... com o teu namorado a ressonar no andar de cima... (deixa cair as cuecas no chão) ... por exemplo...

(Ouve-se a sirene de uma ambulância. A boca de NINA aproxima-se novamente do sexo de LUCKY, agora despido... LUCKY aguarda até o som começar a desaparecer)
LUCKY (ofegante) — Nesse caso... sou... hum... virgem pela segunda vez...
(ri-se)